1.º anno — Lisboa, 27 de outubro de 1884 — Numero 18

A Illustração Portugueza

Semanario

REVISTA LITTERARIA E ARTISTICA

COLLABORADORES—Bulhão Pato; C. Castello Branco; Casimiro Dantas; C. Bellem; E. Schwalbach; Fernando Caldeira; F. Palha; D. G. Torresão; J. C. Machado; Julio de Menezes; Luiz A. Palmeirim. Manuel de Assumpção; Marcellino Mesquita; Pedro dos Reis; Pinheiro Chagas; Sergio de Castro Thomaz Ribeiro; Visconde de Monsaraz; Visconde de Benalcanfor; etc.

SUMMARIO

CHRONICA

Ora façam favor de se alegrar expansivamente, de condensar n'um sorriso fresco e alegre todas as passadas tristezas.

Preparem a sua mais garrida *toilette* festiva.

Calcem as suas luvas doze botões, do Benard, que se eriçam, no canhão, em pequeninas prégas graciosas.

Desenterrem do guarda-joias de crystal as perolas exhibidas no ultimo baile da viscondessa.

Ensaiem o penteado mais consentaneo com a deliciosa oval do seu rosto.

Recordem todo o francez aprendido nos conventos ou no collegio de *miss* Clebra, e vamos a isto, que já não é sem tempo.

Ella humanisou-se, a diva, e á hora em que o nosso pequenino semanario fôr invadir-te o *boudoir*, como uma visita sem ceremonia, de familia, vender-se-hão, por alto preço, os ultimos camarotes da Trindade: haverá, em toda essa Lisboa pacata, um fremito de enthusiasmo: velhos e moços pronunciarão, enlevados, o nome sonoroso da Judic.

Percebeste logo que te fallava d'ella, é claro. Não te ia pedir *toilettes* de *damassé* e constellações de pedrarias para qualquer espectaculo banal, dos que tu, leitora, andas habituada a ver por ahi, cantados pelo côro do reclamo indigena.

Vem a Judic.

Desfizeram-se já todas as duvidas, apagaram-se definitivamente todas as incertezas.

O que os pasteis do Baltresqui e as tapeçarias do Gardé, enviadas para o lazareto de Marvão, não poderam conseguir, conseguiu-o, n'um abrir e fechar

MARGARIDA DO *FAUSTO* (Quadro de W. Lindenschmitt)

d'olhos, a efigie de Victoria *queen*, gravada n'uns pedaços d'oiro reluzente, que se chamam libras esterlinas.

«Com papas e bolos se enganam os tolos»—diz plebeamente o vulgo sentencioso. Judic, que não tem nada de tola, resistio ao creme e aos folhados baltresquianos, mas não poude mostrar-se forte quando lhe acenaram com o vil metal das grandes emprezas.

O que as golozeimas e os *bibelots* caros não fizeram, com todo o seu apparato d'assucares crystalisados e de jarras do Japão vistosamente floridas, fel-o o tinir estonteador do oiro de Freitas Brito.

Quatro centas e tantas libras mais de que as estipuladas primitivamente, tiveram o dom magico de amenisar os pezadissimos incommodos da quarentena. As difficuldades evolaram-se com a rapidez do relampago; os sustos do lazareto desappareceram ao contacto da ultima libra recebida: as agruras quarentenarias transformaram-se, como que por encanto, em deliciosissimos gozos.

Judic sente-se tão bem, tão commodamente, tão feliz, que até já dispensou a companhia do seu chronista Albert Millaud.

Uma bella manhã, ao saborear o créme de baunilha enviado pelo seu contractador de Lisboa, depois de ter já mettido na bolsa a quantia exigida no derradeiro convenio, Judic poisou um osculo apaixonado na face do seu *petit* Millaud e segredou-lhe cariciosamente:

«Olha, meu caro, arranja as malas e vae para Paris. *Les portugais sont toujours gais* e prepararam-me aqui umas commodidadesinhas, que tornam prescindiveis os teus disvelos.

Em Irun o caso era outro. Não havia pasteis a saborear... saboreava a tua companhia. Agora, o commendador fornece-me estes productos das pastelarias luzitanas, e já não careço d'outro genero de doçuras. Olha... prepara as malas... toma lá outro beijo, e vae-te!... É menos uma bocca... *Au revoir!*»

E Millaud foi-se, e nós estamos livres de presencear amanhã, em terras portuguezas, algum duello entre o chronista da Judic e as nossas auctoridades administrativas.

Já que esta chronica tem, por força, de ser consagrada á gentilissima actriz parisiense, vem a pello narrar-te as suas ultimas proezas artisticas na capital no reino visinho.

Judic despediu-se dos madrilenos com um monologo recitado na lingua de Cervantes:—*Ya no hay Pirineos*.

Mal entrou em scena vestida de *manola*, houve uma explosão de bravos enthusiasticos. Quando as vibrações das primeiras palmas se extinguiram, a graciosa actriz abeirou-se da ribalta, e disse para o publico n'um tremulo de susto habilmente simulado:
—*Si supieran qué miedo tengo!*...

A esta phrase gaiata o delirio nas galerias tocou o seu auge.

Canovas del Castillo deixou cahir, por instantes, a sua gravidade sorumbatica de presidente do conselho de ministros, e mirou Judic com olhos cupidos.

Na sala estalaram gargalhadas crystalinas e prolongadas. Da platéa irrompeu subitamente um Niagara de acclamações.

Electrisada por estes applausos vibrantes, a provocadora Judic narrou, então, tudo quanto vira n'uma corrida de touros, fez cortezias de quadrilheiro e sortes de gaiola com uma graciosidade adoravel, capeou á meia volta, simulou picar a pé e a cavallo, metteu ferros de cara n'um boi imaginario, fez pégas de cernelha, mostrou-se emula de Frascuelo e rival de Lagartijo na sciencia de matar á espada.

Quando o monologo chegou a estas alturas, o publico não poudo conter-se. Vibraram-lhe a corda sensivel, e agora o vereis, desandar n'uma loucura completa.

Arderius, o conhecido actor comico hespanhol, achando que já lhe doiam as mãos para applaudir, e parecendo-lhe banaes quaesquer outras demonstrações de enthusiasmo, fez uma coisa inteiramente nova, converteu em dialogo o monologo da actriz, dirigiu-lhe a palavra da platéa, sustentou com ella um cavaco ameno, subiu depois ao palco e... não te ruborizes leitora... beijou os labios vermelhos da Judic!

Na deliciosa palestra dos dois artistas trocaram-se, pouco mais ou menos, as seguintes phrases, curtas como o esfusilar do relampago:

—*Señora, hace v. muy bien en querernos y en prometer que dirá v. en Paris la verdad de nosotros.*

—*Y quien és v.?*

—*Señora, yo soy Arderius el actor Arderius. No és verdad, señores?* (Dirigindo-se á platéa). *Pero ya me he cortado la coleta.*

—*Que se ha cortado v. la coleta? Cá! No señor. En todo caso se habra cortado v. la peluca.*

N'este ponto do cavaco os espectadores morriam a rir, convulsionados, nos *fauteuils*.

Judic convidou o seu interlocutor a subir ao palco.

—*Para qué, señora?*

—*Para estrechar á v. la mano.*

—*Pues allá voy.*

Subiu. Podéra! Quem não faria outro tanto no seu caso?

—*Choque v.*

—*Ah, no! el saludo ha de ser á la francesa.*

—*Corriente!*

Judic, sem se perturbar, serena, como quem está muito affeita a ser beijada, offereceu-lhe a face, uma d'ellas, e Arderius, o feliz, o monstro de sorte, imprimiu-lhe sobre a epiderme setinosa um osculo retinido, capaz de provocar invejas ao mais fleugmatico londrino.

Depois do beijo, a bella Judic poz ponto final no dialogo e no monologo, enviando, com esta delicada *petenera*, aos madrilenos, o seu ultimo adeus:

Aunque me marcho de España,
No me debo despedir:
Qué importa que yo me marche
—Niños de mi corazon—
Si me dejo el alma aqui?

«Não sabemos—diz uma folha hespanhola, alludindo ao facto—se a Judic deixa a alma em Madrid; o que, porém, é certo é que levou esta noite comsigo a *bagatella* de dez mil pesetas *y pico*.»

Nós iamos jurar que a formosa estrella d'opera-comica ainda trouxe da capital de Hespanha um bom pedaço da sua alma para deixar em Lisboa. A alma das grandes actrizes tem obrigação de ser tão grande como o seu talento, e a de Judic deve attingir, por certo, umas proporções descommunaes, que chegam para todas as encommendas, que podem contentar todos os povos da raça latina.

Estamos a vel-a já, no palco da Trindade, recitar um monologo em verso, de qualquer poeta lusitano; chamar ao proscenio o Taborda; offerecer-lhe a face direita para elle pousar um *chocho* vibrante, e depois, muito commovida, com a commoção artistica das occasiões solemnes, dizer á orchestra que toque o fado das salas, e entregar ao publico, n'uma *piadinha* de fazer tremeliques, toda a alma que ainda lhe resta .....

Só de pensal-o estremeço!

Calça, pois, as tuas luvas de canhão monstro, leitora, limpa os crystaes embaciados do teu binoculo madreperola e ouro; dá os ultimos toques no penteado, enverga a *sortie-de-bal* que as exigencias do frio já reclamam, e vem d'ahi, pelo meu braço, ver a *Lili*.

Prometto-te que has de ficar encantada.

— Olha, sabes? Eu menti sem querer. Andas em maré de sorte, e vaes ter S. Carlos no dia 29, como fôra primitivamente resolvido. Harmonisou-se tudo, e o *Rei de Lahore* sempre iniciara, n'aquella data, a nova epoca lyrica.

Muito feliz és tu!

Depois, poderás ir ver, no Colyseu, as *écuyères* da companhia Diaz, que chegou do Porto.

Nem sempre musica, nem todas as noites Judic... E' muito caro e os tempos vão mal...

— Agora, que cheguei ao fim, lembra-me que desejava fallar-te dos irmãos Silveiras, da morte de Eduardo de Lemos, do Passarinheiro Chaves absolvido, da festa do *Riachuelo* illuminada a jorros de luz electrica, de mil coisas que a semana prodigalisou ao chronista para o livrar d'embaraços, mas que eu sou condemnado a deixar sepultadas nas profundezas do meu tinteiro.

Se a *Illustração*, que algumas vezes me parece tão grande, é hoje tão pequena, tão microscopica!...

CASIMIRO DANTAS.

A VIDA AMERICANA

No *Times* de 15 de outubro de 1884 apparece um artigo intitulado *The american life*, que é digno de séria attenção e de sério estudo. O author diz-se americano, mas americano que andou muitos annos ausente da sua terra natal. A impressão que sentiu ao pôr pé, de novo, nas ruas de New-York, foi verdadeiramente atordoadora. Parecia que se encontrava de subito no meio de uma cidade em delirio. O americano hoje atravessa a vida n'um comboyo-relampago, faz e desfaz vinte vezes a sua riqueza, ganha milhões, perde milhões. Almoça como um millionario, sai n'uma carruagem luxuosa, vai para os seus negocios, lança-se n'uma especulação desastrosa, perde tudo e recomeça, janta n'uma taberna, dorme n'um sotão de uma estalagem, e no dia seguinte uma especulação feliz põe-n'o de novo em equilibrio, e elle ahi vai pelo caminho de ferro da existencia, descarrilando aqui, e levantando-se acolá, sem perder tempo, quando falha, em contar o que lhe resta. O nosso americano correspondente do *Times* estava embasbacado do que via. Desnorteava-o completamente aquella febre permanente dos seus compatriotas, aquelle movimento continuado, aquelle barulho infernal. Quando se viu em Broadway sentiu que lhe fugia a razão. Apesar de ter saido de Londres, não se podia costumar áquella intensidade extraordinaria de vida. Os omnibus, as carruagens succediam-se sem descanço, o

que não impedia os *tramways* de funccionar, como se não houvesse outro meio de locomoção, e os passeios lateraes de estarem constantemente coalhados de gente que parecia que ia toda acudir a um fogo. E, como se isso não bastasse, o nosso *yankee* repatriado sentia por cima da cabeça o estrondo das locomotivas de quatro caminhos de ferro aereos.

Em presença d'este movimento extraordinario, que tem chegado agora aos seus extremos limites, o correspondente do *Times* entende que isto tem por força uma explicação alheia á do natural desenvolvimento da civilisação. Suppõe que devem concorrer para este facto algumas causas physicas, dependentes talvez das condições especiaes da athmosphera de Nova-York. Porque, diz elle, ha cidades na America onde se não encontra esta alta pressão. Baltimore, por exemplo, é uma cidade essencialmente pacata.

O ar em New-York, diz elle, é extraordinariamente secco. O sal, a mais hygsometrica das substancias, está sempre secco, enxutissimo, perfeitamente no estado de pó. A esponja dos banhos enxuga-se com uma rapidez extraordinaria. Objectos de madeira, vindos da Europa, estalam, como se estivessem sujeitos continuadamente á acção do calor.

Mas, além d'esta circumstancia especial, ha outra ainda mais importante—é a das condições electricas. A athmosphera de New-York está por tal fórma carregada de electricidade, que basta muitas vezes esfregar um dedo no tapete e approximal-o de um bico de gaz para que o gaz se accenda immediatamente, ouvindo-se perfeitamente o estalido, e vendo-se a chamma da faisca electrica. Affirma o correspondente que fez vinte vezes essa experiencia e que viu outros fazerem-n'a.

Os estimulantes actuam em New-York no cerebro de um modo muito mais violento do que em qualquer outro sitio do mundo. Contava o commandante do navio que transportara a America o escriptor, a cujo artigo nos referimos, que, bebendo a bordo todos os dias, sem sentir nem a mais leve perturbação, uma garrafa do seu vinho, em terra não podia beber nem meia garrafa, sem logo ficar ebrio.

São curiosas estas observações, e parecem realmente até certo ponto confirmadas pelas estatisticas medicas. Provam estas que de anno para anno augmenta de um modo consideravel a loucura nos Estados-Unidos. Os estudos do dr. Pratt mostram que em 1880 havia 91:997 doidos, sendo 26:346 estrangeiros, quer dizer pertencentes a essa torrente de emigrantes que todos os annos se alastra pelos vastos territorios da America Septentrional. Para seguirmos a marcha crescente das doenças cerebraes na America Ingleza, encontramos ainda no livro do dr. Pratt os seguintes esclarecimentos. Em 1850 havia entre a população indigena 1 doido por cada grupo de 1:545 habitantes, e entre a população estrangeira 1 doido por cada grupo de 1:095 pessoas: em 1860 a proporção entre os indigenas era de 1 por 1:559 e entre os estrangeiros de 1 por 717, em 1870 a proporção era de 1 por 1:258 indigenas, e de 1 por 497 estrangeiros, em 1880 chegára a esta proporção atterradora: 1 por 662 indigenas, 1 por 250 estrangeiros!

«É desnecessario, escreve o correspondente do *Times* a cujo artigo fomos pedir estes curiosos dados, seguir até ao fim a estatistica do dr. Pratt. Confirmam o que ha muito tempo me pareceu clarissimo que—a vida americana tem tendencias para desenvolver maior proporção de insania do que até aqui costumava fazer. O dr. Pratt deduz da sua estatistica que esse augmento, sendo maior na população emigrante, é devido a tendencias hereditarias mais fortes nos Europeus do que nos Americanos. A solução que me parece mais provavel é a seguinte: na antiga população americana a alta pressão da nossa vida foi crescendo gradualmente e portanto não produz tão grande proporção de cerebros rebentados como alcança na população europea que não está ainda habituada, e que vem sem o minimo preparo. A velocidade da vida foi augmentando, como se prova pela crescente proporção dos nossos doidos indigenas, que passa de um por 1:559 em 1860, a 1 por 662 em 1880. O que se podia esperar senão que a proporção fosse ainda mais exagerada nos estrangeiros? A proporção dos nossos doidos indigenas augmenta vagarosamente e explicavelmente até á decada de 1870-1880, em que de subito se levanta ao dobro da decada anterior. Mas este periodo de 1870-1880 é justamente aquelle em que o periodo de alta pressão durante a guerra e depois da guerra, quer dizer de 1860 a 1870, começaria a actuar nas organisações individuaes. Dez annos não são demais para a vida exagerada manifestar os seus effeitos, taes como os vemos aqui. É o que *á priori* eu teria deduzido da terrivel proporção de acceleração da vida.

«Duas questões agora se apresentam. Estamo-nos tornando uma nação de doidos, ou estamos formando uma raça especial com aquelles que podem supportar esta pressão, e que, pela sobrevivencia dos mais adoptados, formará a futura geração americana, emquanto as organisações intellectuaes mais fracas passarão a lunaticas?»

O auctor do artigo não responde a esta pergunta, mas tudo isto prova que na America estão tendo effectivamente larga applicação os dois principios famosos de Darwin—a lucta pela existencia, e a selecção natural. Respira-se n'aquelle paiz uma athmosphera extraordinariamente oxygenada, que dá a todos os pulmões e a todos os cerebros uma intensidade de vida a que nem todos resistem. É possivel, effectivamente, que, depois de um seculo de alta pressão, depois de terem rebentado n'uma existencia a todo o vapor milhões de caldeiras, fique emfim prompta e preparada para as novas condições de existencia uma raça apuradissima, que será a humanidade do seculo XX. *Qui vira, verra.*

PINHEIRO CHAGAS.

PULVIS ES

Na eterna luta cahirás cansado
Entre o bem o mal, triste miseria!
Não subirás á região etherea,
Por que suspiras, pobre allucinado.

O abysmo da noite se ha fechado
Sobre o teu corpo na mansão funérea,
E o pensamento preso á vil materia
Ficou na immensa treva sepultado.

Levanta a fronte para o ceu radiante,
Vendo que vives um mesquinho instante,
Cada estrella sorri da tua sorte;

Sorri da terra ignobil, fria, escura;
Onde o livido espectro da amargura
Tem sempre ao lado o algoz da negra morte.

GUIMARÃES FONSECA.

AS NOSSAS GRAVURAS

MARGARIDA DO *FAUSTO*

Como esta formosa Margarida da velha lenda allemã, ha por ahi muitas, que se enlevam no brilhantismo das pedrarias caras e das joias fascinadoras.

Emquanto o mundo fôr mundo as filhas d'Eva deixar-se-hão seduzir por um collar de perolas ou por um adereço de brilhantes. Deus fel-as fracas e creou, de proposito para as tentar, as saphiras e as esmeraldas.

Depois veem as lagrimas, o desespero do remorso: cada perola converte-se n'um tormento; cada faiscação diamantina se transforma n'uma agonia, mas é já tarde: o mal está feito e a branca flôr da pureza desfolhada.

Pobres Margaridas!

JOGANDO A MANILHA

Um santo joguinho aquelle, e para ser santo nem lhe falta o padre-prior muito circumspecto, muito meditativo, estudando cada jogada com uma attenção escrupulosissima, impingindo, de momento a momento, aos parceiros folgazões, o seu melhor latim dos casos graves.

Elles riem-se, um rir franco e bom de provincianos casca grossa, cortando ás vezes a gravidade sacerdotal do padre com um dito agudo e uma chalaça picante.

No fim da partida quotidiana ninguem ganhou nem perdeu, porque o joguinho é a *padre-nossos*. Divertiram-se todos tres, descompozeram-se, discutiram as *mãos* encarniçadamente, mas a respeito de ganhos e perdas... *nihil*.

Não, que o pé d'altar é uma miseria, e o producto das missas não dá para alimentar vicios peccaminosos.

CÁ ESTÁ ELLE!

Tinha desapparecido o mais pequeno, e a mãe, uma santa mulher, convalescente, sentia a alma despedaçada na tortura d'uma angustia medonha.

De repente, abre-se a porta, e um homem do povo entra com o Alfredo nos braços. Encontrara-o na praia, afflicto, a soluçar...

Até o *totó*, o cão máo que morde os mendigos, parece esquecer a aversão que vota aos intrusos, para festejar a entrada do morgadinho.

Uma scena de lagrimas e de alegrias, aquella! D'aqui a pouco a mãe estreita nos braços o filho adorado, e o pescador, um pobre diabo de pé descalço, que tem uma alma boa e desconhece as condecorações, vae partir rodeado de mil bençãos sinceras.

Que melhor condecoração para elle, de que o sorriso e as lagrimas d'aquella mulher, que vagamente lhe recorda as caricias da mãe já perdida?

JOGANDO A MANILHA (Quadro de Eduardo Grutzner)

UMA PEIXEIRA ITALIANA

(Quadro de Otto Meyer)

CÁ ESTÁ ELLE! (Quadro de Rodolpho Jordan)

UMA PEIXEIRA ITALIANA

Tanto pode ser italiana como d'Avintes, como d'Aveiro ou de Espinho. A bella Italia não tem o previlegio exclusivo de produzir typos d'aquelles. Vemol-os por cá muito mais formosos, com as suas fartas saias arregaçadas fazendo pregas nos quadris, grossos cordões d'ouro reluzente enrolando-se ao pescoço um tanto crestado pelas soalheiras estivaes, e longas arrecadas ondulando no extremo das orelhas correctas.

O que as nossas peixeiras não teem é aquelle meio sorriso delicioso e fino da gentil italiana. São ariscas e rudes, grosseiras e desgraciosas. Diz-se-lhes uma amabilidade, respondem com uma injuria.

Pouco para graças, nem supportam que lhes chamem bonitas, e vão fazendo o seu commercio mal cheiroso, insusceptiveis d'amar, bestialisadas pelo calão ordinario dos mercados.

PONTE DE VIANNA SOBRE O LIMA

No dia 30 de junho de 1878, em presença do sr. presidente do conselho de ministros, Fontes Pereira de Mello, e do ministro das obras publicas, o sr. Lourenço de Carvalho, inaugurou-se, com grande pompa e no meio das maiores manifestações de regozijo, esta ponte da via ferrea do Minho, que atravessa o rio Lima e põe a cidade do Porto em communicação com a fronteira hespanhola, por Caminha.

Esta obra d'arte tem uma via superior, e outra para os comboyos. O seu taboleiro conta 563 metros de comprimento, sendo a distancia de uma a outra via de 7 metros.

Ao taboleiro superior, da largura de 7m,50, sobe-se por duas rampas, uma do lado da cidade, com 135 metros, e outra com 215.

A distancia das vigas do caminho para o serviço dos comboyos, é de 5m,20; a altura do carril acima do zero hydrographico de 9m,62, e a altura entre a agua e a chapa das vigas, nas maiores cheias, de 4m. Além da ponte de Vianna, construiu-se um viaducto de 83m e em Darque outro similhante. O peso da ponte é de 2.064.432 kilogrammas e o custo das obras eleva-se a réis 422:940$259.

D.

UM CONSELHO POR SEMANA

ESSENCIA DE SABÃO PARA A BARBA

Sabão branco................	360 grammas
Espirito de vinho............	400 »

Dissolve-se o sabão no espirito de vinho e aromatisa-se com qualquer essencia; depois applica-se com um pincel.

EM FAMILIA

(PASSATEMPOS)

CHARADAS

NOVISSIMAS

E' parente do rei este homem—2—1.

Porto. Edwiges de Brito.

Carta que não tem valor não a quero—2—2.

Tem o navio esta corda para atar a vella—1—2.

Macario dos Santos.

O sol com esta medida é o diametro dos astros—3—2.

Em Napoles este carnivoro tornou-se notavel na historia—2—2.

Duas vezes este parente e parente—1—2.

Esta planta aquatica, apesar de não ter existencia, bebe-se—2—2.

X. Rodrigão.

Abriga na opulencia esta povoação—2—2.

Elvas. Odracir e Seuqram.

Voa e é nome de devoção—2—3.

Aqui este apellido é um insecto—1—2.

Corre que é vasilha mas é cidade—1—2.

Porto. D. C.

ELECTRICAS

A's direitas e ás avéssas ave—3.

A's direitas nos palacios, e ás avéssas nas mulheres—2.

Braga. A. Viégas.

EM VERSO

(Por sylabas)

Eu conheci um sujeito
Sem ter nada de japonio,
Que com a prima e segunda,
Contrahiu o matrimonio.

Passava vida feliz
Com a doce companheira:
Mas a parca quiz um dia
Qu'elle ficasse terceira!

E hoje vive bem triste,
Sempre no luto envolvido:
Apenas lhe resta a quarta,
Por ser o seu appellido.

E assim vive no mundo
Entregue a ardua lida,
Retempr'ando suas forças
Com esta doce bebida.

Incute respeito á gente—2
Quando deslisa sereno—2
—Foi n'elle já padecente
O bom Jesus Nazareno.

Vizeu. O Pequeno Antoninho.

EM QUADRO

Olha, é rio de Portugal, ...
E cidade lá de Hespanha. . . . .
Esta *villa* portugueza . . . .
Conta Christo teve sanha . . . .

J. L. Pinheiro de Carvalho.

EM TRIANGULO

Nome . . . . . .
Sentimento . . . . .
Apontamento . . .
Verbo . .
Artigo .

Hope.

ADIVINHAS POPULARES

Tenho armas não de fogo,
Não me servem de proveito:
Rindo se me abre a bocca:
Lanço o que tenho no peito.

A dama que de mim sae
E' mais formosa do que eu:
Ella vae com quem a leva,
Eu fico com quem me deu.

Paes altos, mães baixas,
Filhos pretos, netos brancos.

LOGOGRIPHOS

Morando em casa pequena,
Tenho muito boas rendas.—1—7—3—8—9
Sou julgada muito terna
Por todo e qualquer poeta.—5—6—3—9
Não passando de pateta,
Muita gente assim se cré;—1—2—3—3—9

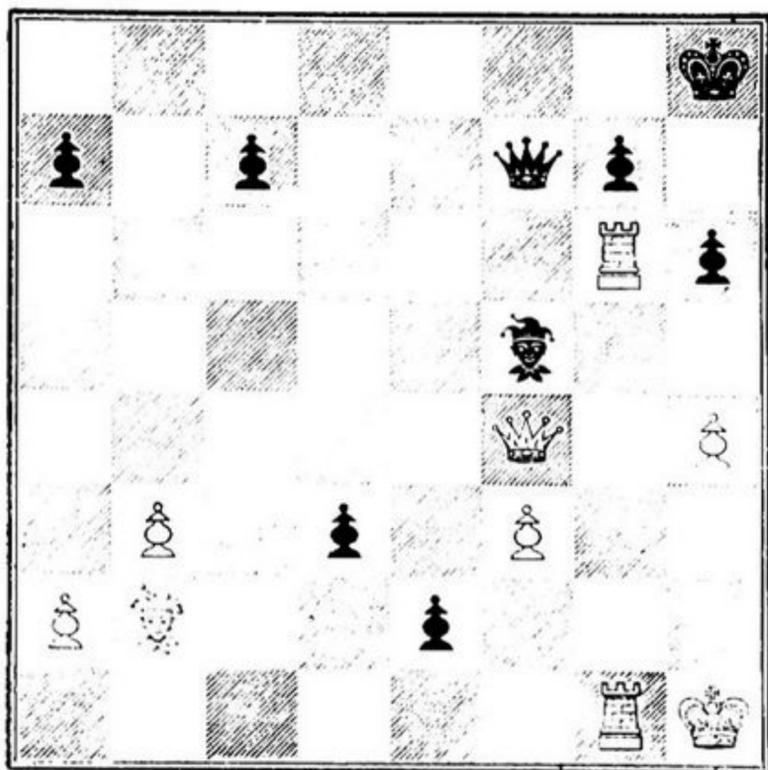
Mas em algumas contendas
Tambem ás vezes se vê.—8—5—2—8—9
Sou indigena da America,
Ave rara em Portugal,—9—5—9—5—9
Mas, em toda e qualquer parte,
Elemento essencial.—9—8—6—9
Tem-me qualquer carpinteiro
E tambem qualquer paiz.—10—7—5—5—9
Que existo em todo o animal
Ninguem, ninguem contradiz.—4—6—5—10—6

Na horta, na feira,
Me has de encontrar,
E talvez em casa,
Na meza, ao jantar.

ERRE-TÉ.

XADREZ

PROBLEMA N.º 15

NEGROS

BRANCOS

Os brancos jogam e dão mate em tres movimentos.

DECIFRAÇÕES

Das charadas:

1.ª—Papagaio.
2.ª—Canada.
3.ª—Pantaleão.
4.ª—Madresilva.
5.ª—Olinda.
6.ª—Caurim.
7.ª—Malvarosa.
8.ª—Perola.
9.ª—Faquino.
10.ª—Amalia.
11.ª—Vivamente.
12.ª—Sala.
13.ª—Ora.
14.ª—Anil.
15.ª—Arroz.
16.ª—Edade.
17.ª—Judiaria.

Das adivinhas populares:

1.ª—Vento.
2.ª—Amora.

Dos logogriphos:

1.º—Silingornio.
2.º—Feiticeira.

Xadrez—Solução do 14.º problema:

BRANCOS	NEGROS
1. T. 5 C. D. (cheque)	1. R. 5. T. D.
2. D. 2 B. D. (cheque)	2. R. 6 T. D.
3. D. 3 C. D. (cheque e mate)	

Do problema:—Por 40 libras.

A RIR

—Desejava ser marido, ainda que fosse só por duas horas,—dizia uma joven abraçando carinhosamente seu esposo.
—Para quê, minha queridinha?
—Para comprar um vestido de setim, muito *chic*, a minha mulher!

UM DOMINÓ.

O DA ESPADA

Este titulo cahiu-nos da penna como um borrão, o que nos contrariou muitissimo. Nem significa nada, nem vem nada para o caso. Parece-nos. E senão vejam.

Pensavamos escrever um artigo sobre o enorme desenvolvimento da arte dramatica, de todos os ramos de litteratura o que adquiriu maior desenvolvimento, quando por um inexplicavel phenomeno nos saltou á memoria, e lançamos distrahidamente no papel, aquellas palavras de um auto de Gil Vicente, e que produzem um maravilhoso effeito de scena.

Imaginem que se acham no proscenio dois personagens, um dos quaes é nada menos que Satanaz, e com elle outro diabo. O rei dos infernos passeia raivoso, fazendo grandes tregeitos de desespero—*muitas vascas*, diz a rubrica, quando o companheiro e amigo o provoca a desabafar com elle as suas maguas.

—Diabo. Como andas dessocegado!
—Satanaz. Arço em fogo de pezar
—Diabo. Que houveste?
—Satanaz. Ando tão desatinado
De enganado
Que não posso repousar
Que me preste.
Tinha hua alma enganada,
Já quasi pera infernal
Mui accesa
—Diabo. E quem t'a levou forçada?
—Satanaz. *O da espada.*

Só pode fazer-se idéa do effeito que produziria esta resposta, a qual na sua singeleza exprimia um desespero infinito, sabendo-se que o tal da espada era o anjo custodio de uma alma, arrancada por elle das unhas de Satanaz, e levada para a gloria eterna. Imagine-se como esta perraria feita ao demo seria recebida com enthusiasticos applausos por uma platéa de crenças ardentes, talvez ardentes de mais, como era a côrte do muito alto e poderoso el-rei D. Manuel, perante quem foi representado este *auto de devação*, nos paços da Ribeira, e na noite de endoenças do anno do Senhor de 1508.

A invenção d'esta peça, que se intitula *Auto da alma*, é de uma imaginação tão poderosa, e ao mesmo tempo tão estravagante, que não resistimos á tentação de esboçar muito ligeiramente aquelle enredo simples, mas interessantissimo. N'um argumento que precede o auto expõe o poeta o pensamento fundamental da sua obra, nos seguintes termos. «Assim como foi cousa muito necessaria haver nos caminhos estalagens para repouso e refeição dos cansados caminhantes, assim foi cousa conveniente que n'esta caminhante vida houvesse uma estalajadeira, para refeição e descanço das almas que vão caminhantes para a eternal morada de Deus. Esta estalajadeira das almas é a Madre Sancta Igreja: a meza é o altar, os manjares as insignias da paixão».

Em harmonia com este plano, a primeira scena representa uma estalagem, de que é dona e administradora a Santa Madre Igreja, a qual apparece com Santo Agostinho, Santo Ambrosio, S. Jeronymo e S. Thomaz, que a auxiliam a servir os freguezes. E' claro que toda a freguezia consiste nas almas sahidas d'este mundo, e que vão caminho do ceu.

Abre o espectaculo o veneravel Santo Agostinho, que explica aos tres outros santos doutores a necessidade de uma pousada para as almas, com meza posta e com os mantimentos que o filho de Deus comprou na cruz, á custa de muitas dores. Provavelmente, como jogo de scena, os santos doutores acenavam com a cabeça, como quem diz que sim, que sim: e a Santa Madre Igreja, vendo tão elogiado o seu estabelecimento, preparava-se alegremente para receber com todo o carinho os viajantes. Concluida a persuasiva e edificante falla do bispo de Hipona, apparece uma alma, acompanhada por um anjo. Veem de caminho estas duas pessoas, conversando em coisas de muita piedade: o anjo dando bons conselhos, e a alma toda cheia de seraphicos pensamentos, exprimindo receios de não poder, pela sua fraqueza, alcançar a morada celestial. N'isto apparece Satanaz, e é então que verdadeiramente principia o interesse dramatico. O inimigo—mao inclina-se ao ouvido da alma e diz-lhe com suavidade:

—Tão depressa, ó delicada
Alva pomba, para onde is?

Encobriam estas doces fallinhas a mais refalsada malicia. O perfido continua sempre no mesmo tom galanteador, insinuando á

alma que se affaste d'aquelle caminho e siga outro menos difficil, mais aprasivel. Por outro lado, o anjo custodio continua a dar bons conselhos; mas o demo não desiste, vae constantemente asoinando os ouvidos da alma peregrina: uma derriçadeira incrivel. Por ultimo vence o anjo, que a muito custo, e com a graça de Deus, sempre consegue empurrar a alma para dentro da estalagem bemdita, onde os peregrinos fieis se refazem de forças para proseguir no difficil caminho do ceu. Sae-lhe ao encontro muito risonha a boa estalajadeira, que é a Santa Madre Igreja, e diz-lhe:

—Vinde-vos aqui assentar
Mui devagar,
Que os manjares são guizados
Por Deus Padre.

(Volta-se para os creados.)

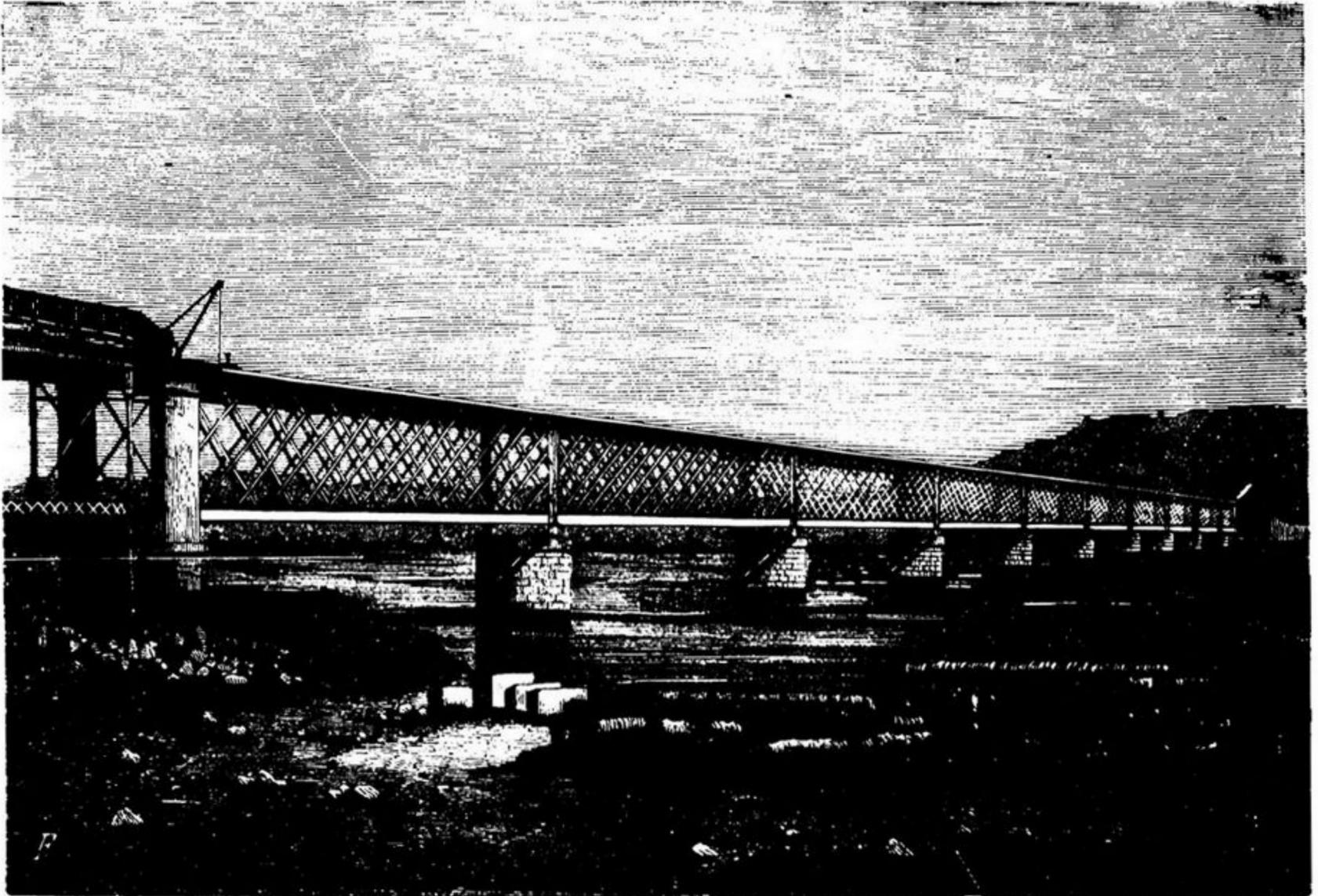
—Santo Agostinho doutor
Jeronymo, Ambrosio e Thomaz,

sancta Facies. Concluida esta ceremonia, começa o banquete, dizendo a Santa Igreja:

—Venha a primeira iguaria.

Então S. Jeronymo dirige-se para a alma, explicando-lhe como foi cosinhado o manjar, e como deve ser comido...

—Gostal-o-heis com salsa e sal
De choros de muita dor...

«Esta iguaria em que aqui se falla, diz a rubrica, são os Açoutes: e em este passo os tiram dos bacios e apresentam á Alma, e todos de joelhos adoram cantando: *Ave flagellum.*» Sempre acompanhadas com as observações, reflexões e sermões de S. Jeronymo seguem-se as restantes iguarias, que são: a coroa de espinhos, os cravos e um crucifixo. A cada nova iguaria repete-se a ceremonia da adoração, com o respectivo cantico. Por ultimo a sobremeza, annunciada por Santo Agostinho n'estes termos:

PONTE DE VIANNA SOBRE O LIMA

Meus pilates,
servi aqui por meu amor
E qual melhor.

Em quanto os criados se dirigem a cosinha para cumprirem as ordens da patroa, esta procura abrir o appetite da hospeda com o elogio dos manjares que lhe vão ser servidos.

Logo os mencionaremos; mas antes d'isso vamos transcrever textualmente a rubrica da peça, no momento em que chegam os creados á casa do jantar: «Estas cousas estando a Alma assentada a meza e o Anjo junto com ella em pé, vem os Doutores com quatro bacios de cosinha cobertos, cantando, *Vexila regis prodeunt:* e postos na meza, diz Santo Agostinho:»... Bem mereceria ser transcripta, não só esta falla do santo, como toda a scena, que é profundamente enternecedora. Falla a Igreja, fallam Santo Ambrosio e S. Jeronymo, até que a dona da casa exclama:

—Ora sus, venha agua ás mãos.

Toma de novo a palavra Santo Agostinho, e explica que a alma se deve lavar com as lagrimas da sua culpa...

—E haveis-vos de chegar
A alimpar
A hua toalha formosa...

Esta toalha é a santa veronica, que os doutores tiram *d'entre os bacios*, e diante da qual se ajoelham todos, cantando: *Salve,*

A fructa d'este jantar,
Que n'este altar vos foi dado
Com amor,
Iremos todos buscar
Ao pomar
Aonde esta sepultado
O Redemptor.

E todos vão, entoando o *Te Deum laudamus*, prostrar-se diante do tumulo de Christo. Com esta devota e apparatosa scena termina a peça.

Eis como nos bons tempos se divertiam os nossos avós; com isto e com outras coisas menos santas, como consta das chronicas do tempo.

D.

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

Em todo o Portugal		Em todo o Brazil	
Anno, 52 numeros....	1$560 réis.	Anno, 52 numeros...	8$000 rs. fr.
6 mezes, 26 numeros..	780 »	6 mezes, 26 numeros.	4$000 » »
3 mezes, 13 numeros..	390 »	Avulso............	200 » »
No acto da entrega....	30 »		

Administração—Travessa da Queimada, 35, 1.º, Lisboa

TYPOGRAPHIA DO «DIARIO ILLUSTRADO»—TRAVESSA DA QUEIMADA, 35, LISBOA